

MULHER BRINCANDO COM MENINA

Ângela Cançado

Todas as meninas estavam de acordo. Desde as menores, andando em fila ordenada pelos corredores até as maiores, incontidas, perto da liberdade. Soeur Ana Lúcia era a freira mais bonita do colégio. Viera do norte, onde, diziam, seu pai era deputado. E o norte passou a ser a terra das santas. Em meio à escuridão do hábito, a palidez do rosto sobressaía como uma flor de sombra. Fora escolhida para mestra das pequenas e agora era sempre vista com duas ou três — às vezes mais — meninas do primeiro ano, acompanhando seu andar elástico, por onde quer que fosse. O colégio de freiras francesas fizera sucesso na cidade. Havia muito mais carteiras na sala do que o seu tamanho comportaria. A menina, uma das menores, ficava bem na frente e sentia o hálito de figo da freira sobre ela. Quando Soeur Ana Lúcia entrava na sala, um sussurro só cortava o ar de ponta a ponta, como eletricidade mágica. A aula terminava e nada fora visto além do brilho de um dente metálico, flor estranha naquela boca de linha azulada. Diziam que já levava um tiro de um admirador. O pai, desesperado, a colocara no convento. As meninas descobriram segredos. A que mais soubesse era ouvida como Sherezade contando histórias... Atribuíram-lhe defeitos e qualidades que não possuía. Calibã e Ariel. Souer Ana Lúcia abria seu rosto de maxilares altos num sorriso para todas e uma após outra se sentia recebendo uma senha, passe mágico, mensagem, código cifrado.

Começou no colégio uma disputa pela predileção da freira, rosto de luar. A menina, rescendendo a figo, inventou um jogo tão requintado que só amantes experimentados ousariam. Com-

binavam antes, duas a duas. Era necessária a cumplicidade de muitas jogadas para colocar aquela negra rainha em xeque. Muitas vezes ela já fugira com seu peão para remotas torres... No recreio, escondidas pelos cantos, se chegavam as mais ligadas. Confabulavam. Sabiam que a freira nunca deixaria falta alguma passar em branco. Denunciavam-se à mestra e esperavam, tremendo, numa excitação nova e inquietadora, o olhar direto sobre a culpada. Quase todas já haviam participado do complô. Havia pelas classes um ar de devaneio, um peso, uma vontade de chorar. Só ela, a violácea menina dona-do-jogo ainda não experimentara o sofrimento daquela proximidade aterradora. As outras revelavam depois, a medo, engasgadas, saltando pedaços, empalidecendo de repente. Que segredo seria esse?

Resolvera. Seria hoje ou nunca. Não suportava mais se sentir a exilada do paraíso, também ela queria os olhos da mestra nos seus, mãos nas mãos, aquela vontade de sair voando, como asa de passarinho perseguido por bote de cobra. Ficara pregada ao chão. Leticia fizera tudo direitinho. A colega a olhar, admirada. Exigia ser denunciada. Seria ela a próxima heroína do recreio. Coragem. O amor sentido há tanto tempo exigia uma verdadeira prova, o atear da chama. Derramara, súbito, num gesto decidido, o tinteiro negro sobre a página de caligrafia. As letras trabalhadas traço a traço, obra de paciência, o braço ferido, tudo sumira em minutos, sob a onda negra. Estava feito. Soeur Ana Lúcia tinha pela frente um erro real, uma mostra palpável do seu amor... Seria por isso, talvez, que a mestra segurasse suas mãos com tanta força. Nunca ouvira no recreio nada parecido com o que a freira estava fazendo. Olhou, por sobre o ombro acima do seu, as filas de carteiras vazias. A porta se fechara, atrás do último cochichar e a deixara só. Soeur Ana Lúcia a levava para o fundo da sala e a pressionava entre a parede e a amplidão macia do hábito. Nem em seus sonhos mais febris, rolando as duas no abismo, sentira aquilo. O próximo recreio seria de silêncio. Era como a sereia de Oscar Wilde. Inventara sobre ela tanta coisa e quando a vira na praia, desfeita em espuma, se calara. Doçura. Não tinha medo. Esperava, perdida no olhar oblíquo de flor debruçando-se sobre ela.